

Nielsen e Robert Schumann

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

LISBOA 24 JAN 18H30
TEATRO ABERTO

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

São Carlos em *andamento*

JAN-ABR 2026

Teatro Aberto

24 de janeiro de 2026, às 18h30

Apresentação do concerto pela musicóloga
Filipa Cruz

Nielsen e Robert Schumann

CARL NIELSEN (1865-1931)

Concerto para flauta e orquestra (1926)

I. Allegro moderato

*II. Allegretto, un poco – Adagio ma non troppo – Allegretto – Poco
adagio – Tempo di marcia*

ROBERT SCHUMANN (1810-1856)

Sinfonia n.º 2 em Dó Maior, Op. 61

I. Sostenuto assai - Un poco più vivace - Allegro, ma non troppo

II. Scherzo: Allegro vivace

III. Adagio espressivo

IV. Allegro molto vivace

Flauta Anabela Malarranha

Direção musical Pedro Neves

Orquestra Sinfónica Portuguesa
(*Maestro titular* Antonio Pirolli)

Duração aproximada: 60 minutos

Expressões de Conflito e Superação

Este programa inicia-se com um dos mais famosos concertos para flauta do século XX, escrito pelo dinamarquês Carl Nielsen (1865-1931). O compositor cresceu numa pequena vila da ilha Fiónia (*Fyn*), conhecida como o jardim da Dinamarca, e deu os primeiros passos no universo da música clássica com aulas de corneta, trombone e violino. Aos 18 anos, ingressou no Conservatório de Copenhaga, apoiado por um conjunto de mecenas que pretendiam procurar jovens artistas capazes de reanimar o espírito da nação, fragilizado depois de uma guerra perdida com a Prússia (1863-64). Nos anos após a conclusão dos seus estudos, Nielsen trabalhou como violinista na orquestra do Teatro Real de Copenhaga e como professor de violino, e começou os seus primeiros projetos de composição.

Da capital dinamarquesa, Nielsen viajou para diferentes partes da Europa, onde pôde conhecer orquestras e intérpretes de renome e ouvir a obra de vários compositores do século XIX, a quem frequentemente atribuía uma certa falta de vigor e virilidade. Em Paris, conheceu a escultora dinamarquesa Anne Marie Brodersen, com quem acabaria por casar em 1891. Entre períodos de felicidade conjugal e momentos de crise, a relação teve um impacto significativo no percurso do compositor: por um lado, Brodersen foi uma influência determinante na definição da estética de Nielsen – centrada no movimento, na clareza e nos impulsos da natureza humana –; por outro, uma fratura no matrimónio, seguida de uma separação de oito anos, contribuiu para que o compositor desenvolvesse, a partir de 1914, uma nova lin-

guagem musical, liberta das regras do sistema tonal, mais fragmentada e abstrata, e de carácter mais sombrio.

O *Concerto para flauta* foi composto em 1926, para o flautista dinamarquês Holger Gilbert-Jespersen (1890-1974). A obra foi estreada em Paris, no dia 21 de outubro do mesmo ano, num concerto inteiramente dedicado a Nielsen, que contou com a presença de figuras de relevo como Maurice Ravel e Arthur Honegger. O compositor descreveu o evento como uma das melhores experiências da sua vida; por sua vez, as vozes da crítica destacaram a interpretação excepcional do solista, o carácter inovador das combinações tímbricas e a originalidade de uma estrutura fantasiosa e irregular, que suscitou tanto entusiasmo como reprovação.

O *Concerto* retoma o imaginário pastoral que marcou a infância do compositor e insere-se numa série de obras – como a *Sinfonia n.º 2 (Os Quatro Temperamentos)* – em que Nielsen explorava o contraste entre diferentes tipos de humor e procurava estabelecer correspondências entre o timbre de um instrumento e certos traços de personalidade. Assim, embora pertença ao período tardio do compositor e se inicie com uma dissonância, o concerto representa, de certa forma, um regresso à simplicidade: para Nielsen, o timbre da flauta exigia gestos leves e circulares, bem como uma sonoridade modal, evocativa da paisagem idílica que conhecera em criança. Ao longo de dois andamentos, a flauta defende o primado da elegância face à rudeza dos interlocutores: uma orquestra de textura depurada, quase camerística, e outros sopros de timbre contrastante – como o clarinete baixo, o fagote e o trombone – cujas intervenções perturbam, com humor, a graciosidade do solista.

Da Dinamarca do século XX, viajamos para a Alemanha de meados do século XIX, onde o género sinfónico atravessava uma crise profunda. Robert Schumann (1810-1856) e vários outros compositores da sua geração viviam assom-

brados pelo legado de Beethoven, cujas inovações formais e simbólicas e monumentalidade eram impossíveis de ignorar – e igualmente difíceis de superar. Sem soluções à vista, muitos dos herdeiros do mestre vienense decidiram ignorar a Sinfonia e dedicar a sua atenção a outros tipos de repertório. Na década de 30, Schumann aparentava defender esta postura conformista – nos seus textos de crítica musical, argumentou, por diversas vezes, que as dimensões e os propósitos do género sinfónico se haviam esgotado e que nada mais se poderia ganhar com a composição de novas sinfonias. Contudo, a estreia da *Sinfonia em Dó Maior*, D. 944, de Franz Schubert, em 1939, reanimou as esperanças do compositor e inaugurou uma nova fase criativa, que deu vários frutos:

Com esta Sinfonia de Schubert, com a sua vitalidade romântica, a cidade ergue-se de novo diante dos meus olhos, [...] e volto a compreender como, precisamente neste ambiente, obras como esta podem nascer.

Schumann iniciou a composição da *Sinfonia n.º 2, em Dó Maior*, Op. 61, em dezembro de 1845, numa altura em que enfrentava vários problemas de saúde e fases de inércia criativa e em que procurava repensar o seu método de composição. Ao longo desse ano, o compositor dedicara-se ao estudo de contraponto e da obra de J.S. Bach e à substituição do seu processo criativo anterior – definido por súbitos rasgos de inspiração e pelo desenvolvimento linear do material melódico, por uma abordagem mais reflexiva e uma conceção contrapontística da ideia musical. A *Sinfonia* é, simultaneamente, uma consequência desta transformação metodológica e estilística e um reflexo da batalha que o compositor travava contra a depressão, a ansiedade e as suas perturbações auditivas. Para o próprio Schumann, fora o poder de resistência do espírito que influenciara o seu trabalho e foi através dele que tentou vencer a sua condição física. O processo de composição e de superação pessoal

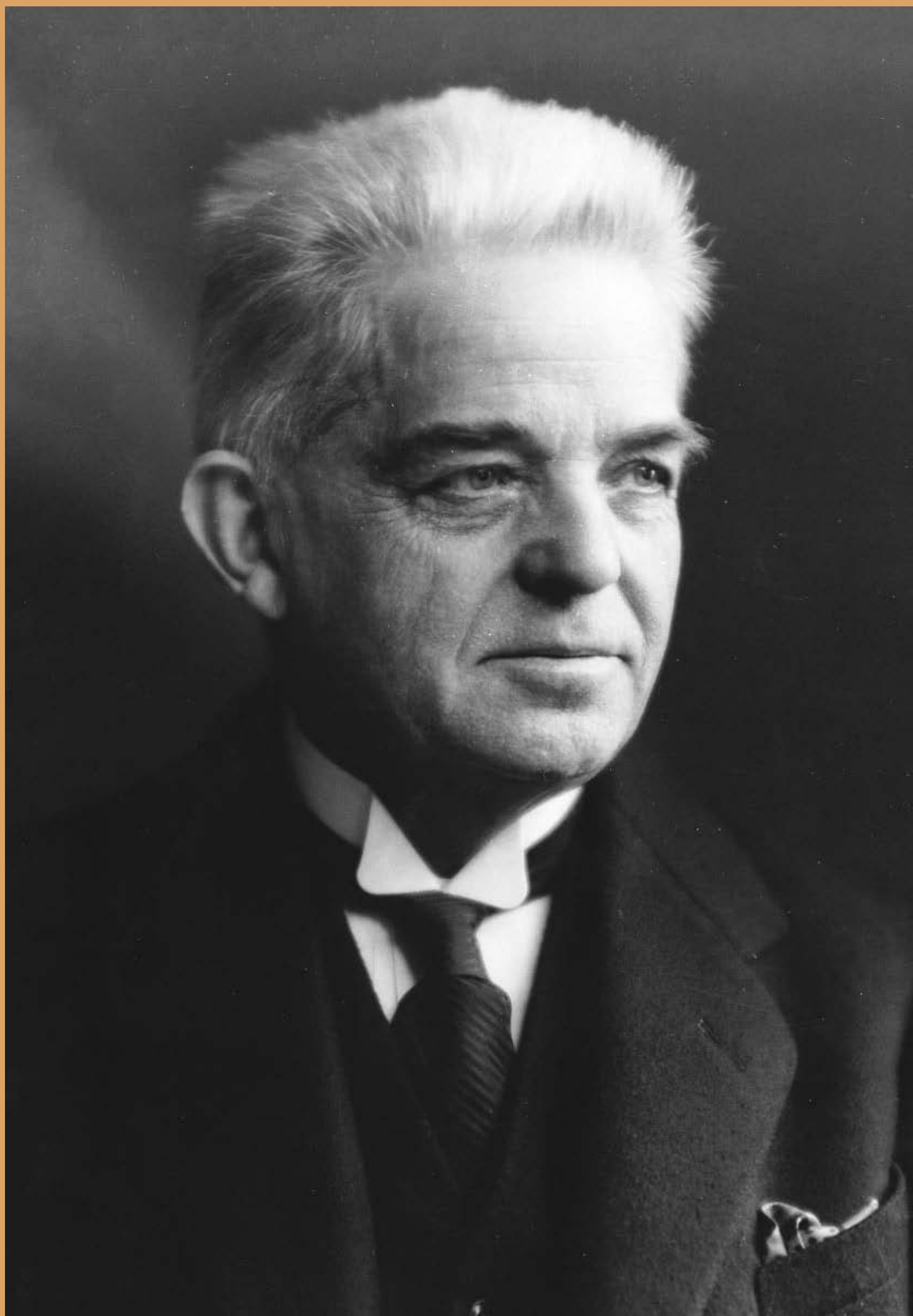
prolongou-se até ao outono de 1846, e a obra foi estreada em Leipzig poucas semanas depois, a 5 de novembro.

Embora contenha citações de uma melodia de Haydn e de uma canção de Beethoven – na qual se esconde uma declaração de amor a Clara Schumann –, e apesar de desenvolver a uma forma cíclica, introduzida pela *5.ª Sinfonia* de Beethoven, a *Sinfonia n.º 2* de Schumann representa, sobretudo, a procura de novos caminhos. Entre a calma atípica do coro de metais na introdução – que ressurgue ao longo dos quatro andamentos –, a preferência pela textura contrapontística, as alusões aos corais de Bach e as múltiplas conjugações tímbricas que recriam a sonoridade de pequenos conjuntos de câmara, o compositor consegue reinventar a linguagem musical da superação, afastar o espectro beethoveniano e justificar a sobrevivência do género sinfónico.

Filipa Cruz
Musicóloga

Carl Nielsen

(1865-1931)



Robert Schumann

(1810-1856)





© DR

Anabela Malarranha

Flauta

Iniciou os seus estudos musicais em Évora, licenciou-se na Academia Nacional Superior de Orquestra e obteve o grau de mestrado no Conservatório Real de Haia, na Holanda. Foi laureada com o 1.º prémio no Concurso da Juventude Musical Portuguesa. Atuou como solista com várias orquestras nacionais, destacando-se a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra das Beiras. Lecionou na Academia Nacional Superior de Orquestra, Escola Profissional Metropolitana, Conservatório de Música da Metropolitana, Escola Superior de Música de Lisboa, Escola Profissional de Música de Évora, Academia de Música Eborense e Universidade de Évora. Foi 1.ª flauta na Orquestra Metropolitana de Lisboa e, atualmente, é 1.ª flauta coordenadora de naipe da Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© DAVID RODRIGUES

Pedro Neves

Direção musical

Pedro Neves é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa e maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e maestro associado da Orquestra Gulbenkian (2013-2018). É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, as Orquestras Sinfónicas do Estado de São Paulo e de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'Ar-te Electric Ensemble, o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. Iniciou os estudos musicais na sua terra natal, na Orquestra Filarmónica 12 de Abril (Travassô, Águeda). Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respetivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direção de orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin — completando a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra —, com Emilio Pomarico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, pela coerência e pela seriedade da interpretação musical.



© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias* n.ºs 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.






Direção Artística
Pedro Amaral

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.
Conceição Amaral *Presidente*
Sofia Meneses *Vogal*

Bilheteira São Carlos na Boa Hora
Largo da Boa Hora, n.º 12
1200-289 Lisboa
+351 935 590 196
+351 213 253 045/6
reserva.bilhetes@saocarlos.pt

Bilheteira online (BOL)
Pode adquirir os seus bilhetes online em <https://tnsc.bol.pt>

www.saocarlos.pt

Parceiros da Viagem de janeiro a abril

	 		
	 cae centro de artes e espetáculos vale de cambra		
			

